



William Bonner e a retórica da persuasão: um estudo de caso do Jornal Nacional

Henrique Kugler¹
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Neste trabalho procurei analisar casos de manipulação em duas notícias veiculadas no Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, no dia seis de maio de 2009. A primeira delas foi uma cobertura da reforma política, abordando vantagens e desvantagens de eleições em lista fechada (sistema proposto) e em lista aberta (sistema vigente). Como pude verificar, a abordagem do telejornal foi parcial e tendenciosa em favor do sistema vigente. A outra cobertura que abordei neste trabalho foi referente à “invasão” de um prédio da Funasa por um grupo indígena de São Paulo. Verifiquei que o tratamento dado ao fato foi também tendencioso, inclinado o telespectador a interpretar uma reivindicação pacífica dentro de um espectro de criminalização. As estratégias discursivas de manipulação não se limitaram apenas ao enfoque jornalístico das coberturas. Recursos retóricos como a ironia e o sarcasmo foram identificados como decisivos para cooptar o entendimento do telespectador de acordo com a angulação da cobertura.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; globo; retórica; persuasão; manipulação.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste trabalho é analisar as estratégias retóricas que se escondem por trás do discurso persuasivo do *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão. Para isso, foi selecionada para o estudo a edição do dia seis de maio de 2009, em que nota-se com facilidade a presença de duas matérias de caráter indiscutivelmente tendencioso.

A primeira delas, merecedora do foco de nossa atenção, é sobre a reforma política – mais precisamente, sobre a discussão em torno dos sistemas de votação por lista aberta e por lista fechada. A título de contextualização, alguns setores políticos em Brasília propuseram a adoção do sistema de voto em lista fechada, o que significa que o eleitor votaria em um partido, e não em um candidato. Naturalmente, é uma discussão bastante ampla, que não pode ser desvinculada de um olhar cuidadoso e aprofundado sobre a prática da democracia.

¹ Graduando do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), email: henrique.kugler@gmail.com.



No entanto, tal discussão foi reduzida a um pequeno embate maniqueísta na edição do *Jornal Nacional* em questão. Por meio de uma estratégia retórica, o apresentador do telejornal descredibilizou de imediato a proposta que defendia a adoção da lista fechada. Em nível textual, torna-se inviável provar tal afirmação. Mas os arquivos em vídeo comprovam facilmente que o tom de voz empregado pelo apresentador foi irônico e sarcástico, sugerindo o entendimento de que a lista fechada era algo inaceitável e pernicioso à democracia.

A segunda matéria que nos chama a atenção na mesma edição trata de uma ocupação realizada por grupos indígenas em um prédio da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), em São Paulo. Tradicionalmente, é sabido que o jornalismo da Rede Globo de Televisão não hesita em ocultar ou desvirtuar fatos – seja através de angulações maliciosas, através de seleção arbitrária de fontes convenientes ou mesmo através de mera ocultação de um fato em detrimento de outro. Foi exatamente o caso da cobertura em questão. A manifestação pacífica dos indígenas não tardou a ser categorizada pejorativamente, graças, entre outros fatores, ao uso indevido do termo “invasão”.

A cobertura, em vez de ocupar-se em efetivamente apurar informações referentes às reivindicações, nada fez além de criar uma trama melodramática em torno da ocupação. Em suma, o ato foi sumariamente desvinculado do contexto que o gerou. Trata-se, portanto, de mais um caso emblemático em que uma cobertura jornalística se prestou ao serviço de criminalizar manifestações sociais democraticamente legítimas.

Levantadas estas considerações iniciais, o primeiro passo rumo à análise dessas duas matérias é o entendimento do contexto sintático em que foram inseridas ao longo da edição do jornal. Para isso, faremos no âmbito deste trabalho uma decupagem completa da edição a que nos referimos. Assim poderemos, primeiramente, estabelecer relações sintáticas entre os conteúdos de cada matéria, considerando a posição que ocupam na linha do tempo – podendo melhor situá-las no contexto geral do telejornal. Em seguida, iremos analisar as duas matérias separadamente, procurando entender a estrutura semântica dentro da qual foram elaborados os textos. Espero com isso poder configurar, nas duas matérias, dois casos de parcialidade grosseira - em que a realidade interpretada do telejornalismo da Globo valeu-se de estratégias discursivas incisivas e eficientes, constituintes vitais de um projeto de manipulação bem-sucedido.



2. ANÁLISE SINTÁTICA (ESTRUTURA VERTICAL) DO TELEJORNAL

Iremos aqui analisar a estrutura vertical do Jornal Nacional do dia seis de maio de 2009. A análise será baseada em uma divisão temática, e os nomes atribuídos às matérias foram escolhidos de modo a tornar claro o entendimento geral da estrutura sintática da edição do dia. Assim, temos:

Primeiro bloco

Escalada - Chamada 1: Transplante de rosto; *Chamada 2:* Reforma política

Matéria 1: Transplante de rosto

Matéria 2: Chuvas no Maranhão

Matéria 3: Chuvas no Piauí

Matéria 4: Chuvas no Ceará

Chamadas para o segundo bloco - Chamada 1: Chuvas no Pará; *Chamada 2:* Ataque dos EUA no Afeganistão

Segundo bloco

Matéria 1: Chuvas no Pará

Matéria 2: Chuvas em Salvador

Previsão do tempo

Matéria 4: Ataque dos EUA no Afeganistão

Chamadas para o terceiro bloco - Chamada 1: Irregularidades no Bolsa Família;

Chamada 2: Reforma política

Terceiro bloco

Matéria 1: Reforma política

Matéria 2: Irregularidades no Bolsa Família

Matéria 3: Inflação em alta

Matéria 4: Futebol

Matéria 5: Série: 40 anos do Jornal Nacional

Chamada para o quarto bloco: “Invasão” dos índios

Quarto bloco

Matéria 1: Invasão dos índios

Matéria 2: Tráfico de drogas

Matéria 3: Gripe suína

Matéria 4: Passeata da OAB em Brasília

Matéria 5: Acidente aéreo

Matéria 6: Premiação de um dirigente da Globo

Materia 7: Premiação de outro dirigente da Globo

FIM



2.1 COMENTÁRIOS

Essa foi a estrutura geral do telejornal do dia seis de maio de 2009. Como já foi colocado, pretendo direcionar a atenção às matérias que chamarei de ‘reforma política’ e ‘ocupação indígena’.

A matéria sobre a reforma política, no terceiro bloco, é precedida de uma série de eventos negativos. Até o momento, toda a edição do telejornal está permeada por notícias ruins, notadamente as chuvas e, em seguida, um ataque estadunidense no Afeganistão – que é a última matéria do segundo bloco. Em seguida, duas são as chamadas para o terceiro bloco: ‘irregularidades no Bolsa Família’ e, enfim, ‘reforma política’.

‘Reforma política’ é a primeira matéria do terceiro bloco. Em seguida, o jornal entra com a matéria das ‘irregularidades’. Elaborado de maneira proposital ou não, o intuito semântico desta construção leva o telespectador desavisado a atribuir a todos estes assuntos um caráter (talvez) subliminarmente negativo.

O mesmo acontece com a matéria da ‘ocupação indígena’. Colocada como primeira matéria do quarto bloco, ela é imediatamente sucedida por uma matéria referente ao tráfico de drogas. Pensada esta estrutura de maneira arbitrária ou não, o fato é que o tema abordado pode ser, intuitivamente, associado a algum caráter pejorativo sobre a reivindicação dos indígenas.

3. ANÁLISE SEMÂNTICA (ESTRUTURA HORIZONTAL) DA MATÉRIA ‘REFORMA POLÍTICA’

Analisaremos aqui a estrutura horizontal da matéria que intitulamos ‘reforma política’. Para isso, transcrevemos *ipsis litteris* todos os textos narrados pelos apresentadores e pelo repórter. Além disso, colocamos em destaque, ao final de algumas frases, elementos extralinguísticos que definem o caráter semântico do texto – como alguns recursos verbais que transcendem o nível lexical, a exemplo da ironia e do sarcasmo. Assim, temos:

Chamada da escalada: Governo e oposição negociam mudanças nas eleições parlamentares. Em vez de votarem em candidatos, o eleitor teria que escolher o partido



[*William Bonner, em tom irônico e sarcástico*]. E dinheiro público financiaria campanhas políticas [*Fátima Bernardes, também em tom sarcástico*].

Chamada no segundo bloco, anterior à matéria: Governo e oposição planejam acabar com voto em candidatas nas eleições parlamentares [*William Bonner, com sarcasmo*]. O eleitor escolheria só o partido [*Fátima Bernardes, com as mãos levemente apontando para cima e com olhar cauteloso*].

Estrutura geral:

Cabeça/Off/Sonora/Off/Sonora/Infográfico/Sonora/Passagem/Sonora/Off/Sonora

Cabeça: Partidos do governo e oposição estão negociando mudanças na lei para que o eleitor deixe de votar diretamente no candidato a uma vaga no congresso e passe a votar numa lista [*William Bonner com olhar desconfiado e apreensivo*]. Essa proposta de reforma política provocou críticas imediatas.

Off: O presidente da câmara trabalha para aprovar as mudanças já para a eleição do ano que vem.

Sonora: [Michel Temer, PMDB-SP] É preciso ainda ouvir todas as lideranças. Se houver condições para votarmos rapidamente nós faremos.

Off: O deputado Ibsen Pinheiro, que ficou encarregado de negociar as mudanças, disse que tem o apoio do PMDB, PT, Democratas, PC do B e parte do PSDB para reduzir a reforma a dois pontos: a lista fechada de candidatos e o financiamento público de campanha.

Sonora: [Ibsen Pinheiro, PMDB-RS] Acredito que já entramos num acordo com potencial superior aos 257 votos necessários para instalar a sessão.

Infográfico: Pela proposta, todas as campanhas seriam financiadas com dinheiro público. O Governo Federal reservaria sete reais por eleitor, o que daria um total de mais de 900 milhões de reais. O dinheiro seria dividido entre os partidos de acordo com o número de deputados federais e votos conquistados na última eleição. Mas o eleitor perderia o direito de votar no candidato. Teria que votar numa lista fechada, com nomes escolhidos pelo partido. O partido é quem determinaria a ordem dos candidatos na lista.



Para os defensores da lista fechada, os partidos teriam condições melhores de escolher os candidatos, evitando aventureiros.

Sonora: [Ronaldo Caiado, DEM-GO] O eleitor vai dizer: “Por que eu vou escolher essa lista? Vou escolher essa outra, que é melhor. Eu conheço esse profissional, esse médico, esse sindicalista...”.

Passagem: Mas é a grande resistência contra a lista fechada. Ela desagradou deputados de todos os partidos. Eles temem que os dirigentes partidários deem mais espaço na lista para os aliados deles. E alegam que o eleitor vai perder o direito de votar em quem quiser. O que vai afastá-lo ainda mais do parlamentar.

Sonora: [Mendes Thame, PSDB-SP] Aumentando essa distância, vai piorar a qualidade da representação política.

Off: O deputado Miro Teixeira começou uma campanha contra a lista fechada.

Sonora: [Miro Teixeira, PDT-RS] Nós vamos iniciar uma luta feroz aqui para que isso não ocorra. E se votarem aqui, vamos lutar também nos tribunais. Não acredito que o povo brasileiro aceite abrir mão do direito de escolher diretamente pelo seu voto, livremente, os seus deputados.

3.1 COMENTÁRIOS

Fica muito claro nesta cobertura o fato de que o Jornal Nacional adotou, sem parcimônia, uma postura política bem definida em relação ao caso. O tom de voz adotado pelo apresentador logo no início do programa (escalada), já denota claramente que a matéria tende a defender a manutenção do sistema de voto em lista aberta.

“O jornalista é servido pela língua, códigos e regras do campo das linguagens. Na elaboração de seu texto, ele vai usar procedimentos de seleção e combinação, mediante unidades que, articuladas, vão se transformar em mensagens, ou, de um modo mais abrangente, em discursos sociais.”

PEREIRA, Alfredo (2000)



A estratégia retórica predominante neste caso foi o uso de ironia e sarcasmo por parte do apresentador. Um discurso habilidoso paramentado com tais adereços estilísticos tem certamente um poder persuasivo considerável. Mas uma análise mais profunda destes traços de linguagem é um assunto ainda a ser melhor desenvolvido, no âmbito de um trabalho que envolva não somente a disciplina da comunicação, mas também a linguística, a retórica e a psicologia.

No que se refere à cobertura propriamente dita, também podemos notar um caráter tendencioso ao extremo. A começar pela seleção das fontes. Foram ouvidas três fontes a favor da lista aberta - duas delas, inclusive, do mesmo partido -, ao passo que apenas uma foi ouvida para defender a lista fechada. Além do mais, esta última teve veiculados os argumentos mais fracos possíveis para defender sua posição. Inúmeras são as argumentação para se apoiar a proposta de votar em uma lista fechada, mas apenas as menos relevantes foram levadas ao ar pelo telejornal (aqui também caberia, em interface com estudos de sociologia e política, uma análise mais detalhada da estrutura argumentativa do debate em torno da reforma política).

Para encerrar a análise desta primeira matéria, vale notar também a valoração dada à última sonora – que defendia a lista aberta. A fonte ouvida, nesse caso, teve uma parte tão nobre quanto efetiva de seu discurso levada ao ar, finalizando a matéria em um caráter de franco ataque à lista fechada.

Assim, pode-se concluir que a forma como a notícia foi pensada, editada e estruturada sintática e semanticamente contribuiu para um entendimento enviesado da realidade em questão. “Saber como as notícias são produzidas é a chave para saber o que significam” (PEREIRA, 2000, p. 33).

4. ANÁLISE SEMÂNTICA (ESTRUTURA HORIZONTAL) DA MATÉRIA ‘OCUPAÇÃO INDÍGENA’

Nesta etapa, repetimos o processo efetuado no capítulo três deste trabalho. Assim, temos:

Chamada na escalada: Não houve.

Chamada no terceiro bloco, anterior à matéria: Índios invadem prédio da Funasa em São Paulo.



Estrutura geral:

(Cabeça/Stand-up/Apresentador/Stand-up/Apresentador/Stand-up/Apresentador/Stand-up/Apresentador)

Cabeça: Invasão da sede da Fundação Nacional de Saúde por um grupo de índios acabou se transformando em um impasse em São Paulo. O repórter José Roberto Bournier está acompanhando tudo. Burnier, boa noite para você. O que é que está acontecendo, o que é que eles querem, afinal? [*William Bonner, em tom de indignação*]

Repórter: Boa noite Bonner e Fátima. Olha, eles querem primeiro a demissão imediata do coordenador regional aqui em São Paulo da Funasa. Segundo eles, há dois anos este coordenador está no cargo e nada fez pelos indígenas aqui do estado. Eles reclamam também da falta de remédios, falta de saneamento básico, reclamam do transporte, dizendo que os carros da Funasa estão sucateados. Até abriram a garagem aqui para mostrar os carros, e de fato estão com problemas. E dizem, ainda, que as verbas que vem todo ano para os índios não são aplicadas nas aldeias.

Bonner: Ontem parecia que essa invasão tinha terminado. Eles até deixaram o prédio. O que mudou?

Repórter: Ontem alguns deles pretendiam dormir aqui na garagem, e hoje decidiram retomar a ocupação. Na verdade, porque eles não conseguiram nenhum avanço no que eles queriam. Eles exigem mesmo a demissão do coordenador de São Paulo e não abrem mão disso. O presidente da Funasa disse mais cedo, numa audiência coletiva em Brasília, que aceitaria negociar com o grupo de índios desde que desocupassem o prédio. Os caciques, que estão liderando este protesto dos índios, não concordaram e disseram que vão manter a ocupação.

Bonner: Mas o coordenador entregou o cargo?

Repórter: Na verdade ele entregou o cargo. Chegou a pedir demissão. Mas o presidente da Funasa disse que não aceitaria a demissão dele e que não demitiria o coordenador de São Paulo sob pressão.

Fátima: E para encerrar, Bournier, tem reféns nesse prédio? [*Fátima Bernardes, com ar de preocupada*]

Repórter: Não tem reféns. Todos os funcionários foram para casa sem problemas. Essa coisa de reféns dependia mais do humor dos índios. Quando ficavam



tensos, não deixavam ninguém entrar ou sair. Quanto ficavam mais tranquilos, liberavam a portaria.

Bonner: Obrigado. Vamos acompanhar a situação e ver como estará amanhã.

4.1 COMENTÁRIOS

O que de início chama a atenção nessa matéria é o caráter intimista em que ela se correlaciona com o telespectador. O efeito geral da transmissão é de uma conversa, um papo informal, aproximando-se venenosamente de um público que busca no telejornal o embasamento de suas opiniões. O telejornalismo conquista assim um espaço de vital importância no imaginário popular, estabelecendo-se como voz oficial de uma nação televisiva.

“Por meio dessa interação, induz-se à convicção de que sempre tem alguém conversando ‘comigo’ (telespectador), exibindo-se ou mostrando alguma coisa. E embora no instante em que ocorre, possa se ter a consciência da artificialidade desse contato, o espetáculo consegue quebrar a sensação de unilateralidade da comunicação, no sentido emissor-receptor.”

PEREIRA, Alfredo (2000)

Analisando os detalhes da cobertura, o primeiro dado que devemos considerar é o uso do termo “invasão”. É dispensável lembrar que esse termo já está no repertório do jornalismo da Globo há décadas, e é usado extensivamente para designar qualquer ato ou manifestação democrática de grupos não harmonizados com a doutrina do pensamento único dentro do qual a mídia corporativa atua. Entretanto, cabe uma observação interessante no que tange à atuação do repórter. Ao contrário do apresentador, ele em momento algum usou o termo “invasão”, mas sim “ocupação”. O que nos leva a inferir que, mesmo dentro de uma organização regida por um pensamento já conhecido, há diferenças de abordagem que podem ser identificadas em pequenos traços cotidianos como a utilização ou não dessas denominações. Ficou claro que o repórter não é conivente com o termo usado pelo apresentador. Ainda assim,



porém, o repórter foi parte de uma trama maior do que ele próprio, da qual ele é subordinado e contra a qual ele não tem forças para lutar. Por mais bem intencionado

que tenha sido seu bom uso do termo “ocupação”, não foi suficiente para amenizar o efeito da cobertura como um todo sobre uma população desatenta a esse detalhe.

“A TV é um meio que, quanto melhor se compreende como ele funciona mais se compreende também que aqueles que dele participam são tão manipulados quanto manipuladores.”

BOURDIEU, Pierre (1997)

Mas o detalhe jornalístico mais intrigante dessa matéria é certamente a omissão de fatos vitais para o entendimento de seu contexto. Toda a energia da construção sintática e semântica da estrutura foi canalizada no sentido de interpretar um ato desvinculado de suas causas. Os indígenas cometeram um ato de ‘vandalismo’. Logo, pouco importam as razões que os levaram a ocupar o prédio da Funasa. O importante, na ótica da transmissão, é dar o enfoque necessário para criminalizá-los. Frases usadas pelo apresentador como “Mas o que eles querem, afinal?” denotam claramente uma postura político-ideológica desfavorável ao ato. O trabalho de reportagem falhou, portanto, ao não apurar os dados referentes às reivindicações dos indígenas. Um típico exemplo de truncamento de informação, um exercício de direcionamento ideológico mal-disfarçado.

“Ao não noticiar determinados acontecimentos, a TV e seus controladores procuram impedir que determinadas demandas sociais ingressem na agenda do país.”

BUCCI, Eugênio (2005)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste breve estudo não foi criticar gratuitamente qualquer emissora ou grupo jornalístico aqui mencionado. O propósito único e primordial foi apenas constatar que o telejornalismo é também uma construção social que reflete em si os



dogmas e preceitos do meio em que ele é idealizado. Seja de maneira consciente ou não, intencional ou não, ficou bastante evidente que as duas matérias analisadas no âmbito

deste trabalho tiveram sim uma carga interpretativa prévia relevante na recepção do telespectador. Neste sentido, este breve estudo entra como contribuição à soma dos inumeráveis trabalhos já realizados nesta vertente de investigação e compreensão.

Não se pretende com essa abordagem esgotar o assunto. Mas os exemplos aqui mencionados podem-nos auxiliar na afirmação categórica de que a recepção de um telejornal deve ser motivo de cuidadosas reflexões por parte do telespectador. Talvez não seja possível ou mesmo viável compreender as razões que levam uma cobertura a adotar posturas específicas em relação ao seu objeto. No entanto, torna-se imperativo entender que o produto jornalístico é passível de apropriações indevidas. Logo, é preciso estar atento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUCCI, E. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MARCONDES FILHO, C. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PEREIRA, A. **Decidindo o que é notícia**. Porto Alegre: PUC-RS, 2000

REZENDE, G. **Telejornalismo no Brasil**. São Paulo: Summus, 2000.